



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

**13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP**

FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA EJA SOB A PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA

Camila Gonçalves Gomes

Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC

kmilaggomes@gmail.com

Modalidade: Comunicação Oral

Eixo Temático: Concepções de formação de educadores (as) da EJA: matrizes epistemológicas, especificidades da modalidade, princípios ético-políticos e práticas.

Resumo:

O presente artigo pretende fomentar de forma reflexiva a perspectiva holística e ampliar a formação de sujeitos-educandos na modalidade EJA. Para melhor compreender o termo *Holística*, cabe voltarmos à epistemologia do termo, cujo significado provém do grego *hólon* que denota inteiro, integral, total, algo que não pode ser fragmentado ou reduzido. Pensar em uma educação com perspectiva holística é atuar efetivamente numa perspectiva de educadores e educandos como seres integrais. Sob a ótica da integralidade do sujeito, o educador holístico passa a percebê-lo não somente como um indivíduo, mas como parte do cosmos, da natureza, da sociedade, da relação com o outro e da relação do sujeito consigo. Nessa última instância, na relação eu-comigo, ainda é possível desmembrar-se o Eu em quatro dimensões – física, mental, emocional e espiritual. Assim, torna-se a missão do Educador holístico compreender o sujeito como um ser inconcluso e interagente em todas essas instâncias e dimensões e conceber uma nova perspectiva de ação em sua prática docente.

Palavras-Chaves

Formação de sujeitos, Educação de Jovens e Adultos, Perspectiva Holística.

Contexto planetário atual

A exploração excedida e gananciosa do homem sobre os recursos naturais do planeta tornou-se uma constante na interação deste e seu meio ambiente, com graves consequências, muitas delas irrecuperáveis. Um consumo desproporcionalmente superior aos recursos,



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

**13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP**

associado à produção destruidora satisfazem a ganância do homem. A falta de consciência em desconsiderar o ser humano integrante da ecologia planetária, mas acima dela, traz suas consequências para a vida cotidiana. Segundo BOFF (2008), *“a crise ecológica revela a crise do sentido fundamental do nosso sistema de vida, do nosso modelo de sociedade e desenvolvimento”*. As iniciativas de sustentabilidade, como redução do consumo e reaproveitamento dos materiais, além das mudanças previstas em lei, já são vistas, porém ainda muito aquém das reais necessidades. No âmbito social, vive-se na lógica do medo e insegurança. A violência e a negação de que somos parte de uma cadeia indissociável tem sido por longo tempo o modo operante planetário. As relações econômicas impõem um padrão de consumo exagerado, mostrando outra face da mesma lógica, no “ter para ser”. Definem as pessoas por suas posses materiais, características físicas e externas. Comercializam-se conceitos de beleza e sucesso, e ditam, nos modismos temporários, a mais adequada proposta de vida.

Os desafios da educação contemporânea

No âmbito da educação, a dicotomia teoria e prática é presente. Reproduzimos com frequência uma educação bancária, tecnicista, impositiva, desvinculada das vivências cotidianas dos educandos. Constantemente percebemos na prática, currículos prescritos rígidos pautados na organização de uma escola institucionalizada socialmente. A tradição de que o professor transmite o conhecimento e o aluno deve se apropriar deste, muito embora esteja fora do discurso teórico dos educadores, é uma constância na prática docente. À serviço da lógica econômica dominante, padronizam-se os conhecimentos e os currículos escolares e com frequência deturpam as evidências vindas da natureza e dos sujeitos. Enfim, negligencia-se a Educação que prima na construção e conscientização do indivíduo como um Ser integral.

A sociedade, imbuída de uma “educação tradicional” e carregada de moralismo, julga responsáveis e incapazes os sujeitos que não se adaptaram ao único modelo escolar existente. Da mesma forma, desmotivados estão os educadores, desvalidos de seu poder criativo e dialógico, que foi perdido ao longo de um contexto histórico com cicatrizes ditatoriais e inibitórias. Muitos ainda acreditam que, na prática, haja apenas uma forma de atuação, vinda



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

de modelos arcaicos, que apaga a subjetividade e a criatividade de ambos (educador - educando). A juventude contemporânea, por vezes, se apresenta embotada e com um comportamento de insatisfação exacerbado em relação à escola. Freire (1996) ao mencionar uma Pedagogia da Autonomia:

Assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE,p.22,1996).

A formação tecnicista, vivenciada ainda hoje, movida e ditada pela necessidade do mercado profissional, busca “sujeitos com competências formatadas”, cria operários automatizados a serviço de um sistema de trabalho opressor. Crescem indivíduos alienados e carentes de si mesmos. Estes, por sua vez, carregam uma visão distorcida sobre si, responsabilizando-se intensamente por sua frequente desvalorização e exclusão do sistema social em sua ampla concepção.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais (FREIRE,p.16, 1987).

Tais indivíduos culpam-se pelos fracassos e tendem a não buscar a construção de um sujeito integral por, provavelmente, falta de estímulos à ampliação de consciência (autonomia versus codependência ecológica) oriundas do sistema educacional vigente em nossa sociedade. Negligenciam (por falta de estímulos) a observação dos fatos históricos, sociais e naturais, pois, conforme a máxima de Lavoisier, *nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*. Gradativamente, os sujeitos perdem a competência em compreender seus desequilíbrios pessoais e sua capacidade de realizar a manutenção e formação do seu inacabamento como sujeito integral. Em 1987, em exílio, Paulo Freire, já vinha refletindo sob essa perspectiva de libertação dos sujeitos sob a alienação vivida.



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação (FREIRE, p.17, 1987).

BOFF(2008), traz a seguinte reflexão para o tema e mudança de paradigma dicotômico que vivemos ainda em nossa sociedade e por consequência na educação:

O novo modelo de sociedade deve refazer o tecido social a partir das múltiplas potencialidades do ser humano e da própria sociedade. Ao lado do trabalho deve estar o lazer; junto à eficácia, a gratuidade; a acolitar a produtividade deve vir a dimensão lúdica. A imaginação, a fantasia, a utopia, o sonho, a emoção, o símbolo, a poesia e a religião devem ser tão valorizados quanto a produção, a organização, a funcionalidade e a racionalidade. Masculino e feminino, Deus e o mundo, corpo e psique, devem ser integrados no horizonte de uma imensa comunidade cósmica (BOFF, p.46, 2008).

A Concepção da Educação Holística

A compreensão holística consiste de um saber milenar que fundamenta o campo das filosofias orientais e ocidentais. O termo *Holismo* foi utilizado primeiramente pelo Sul africano Jam Smuts, no livro *Holism and evolution* em 1925. O autor apresentou nessa obra a existência de uma disposição holística na qual integra e fundamenta o contexto universal. Em 1967, Arthur Koestler desenvolveu o conceito de *Hólon*, cujo expõe que partes e todo em sentido absoluto não existem. Esse autor menciona que todas as entidades, das moléculas aos seres humanos e destes aos sistemas sociais, devem ser ponderadas como estruturas integradas e também partes de todos maiores, em níveis superiores de complexidades. Weil (1990) menciona que, *holístico* é o termo onde tudo se encontra, a fantasia da separatividade é desvelada. O autor cita que a fragmentação da psique (sensação, sentimento, a razão e a intuição), apresentada por C. G. Jung (autor da Psicologia Analítica) foi um aspecto que se



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

manteve oculto na ciência moderna que fragmentou o conhecimento em áreas (arte, religião, ciência e filosofia).

O enfoque da pedagogia holística é fundamentalmente atentar as funções psicológicas, no campo individual do sujeito, agrupando-as no campo da transdisciplinaridade. A abordagem propõe a construção de pontes entre as fronteiras construídas pela escolarização, o excesso de racionalismo em detrimento as demais áreas essenciais para a formação de um sujeito integral. Seu enfoque fundamenta-se na integralidade do ser humano com a comunidade, *Gaia* (termo cunhado nas obras de Boff, representando a totalidade ecológica), no contexto planetário em que vivemos. Somos parte e todo nesse sistema. Atentos à percepção de macro e micro de cada sujeito, torna-se capaz a reflexão de questões planetárias a partir da subjetividade das emoções e objetividade dos pensamentos e ações. Utilizar cotidianamente esse contexto vivo e complexo, na qual estão todos inseridos, para empregar a prática pedagógica transformadora. Construir, resgatar e lapidar a essência autônoma dos sujeitos que, num dado momento de cada história formadora individual, foi tirado no exercício do convívio com o outro. O autor da teoria da complexidade, Edgar Morin, apresenta algo a elucidar ainda mais sobre esta temática:

É importante, também, mostrar que, ao mesmo tempo em que o ser humano é múltiplo, ele é parte de uma unidade. Sua estrutura mental faz parte da complexidade humana. Portanto, ou vemos a unidade do gênero e esquecemos a diversidade das culturas e dos indivíduos, ou vemos a diversidade das culturas e não vemos a unidade do ser humano (MORIN, p.04, 2000).

Acredita-se que o fundamental para o educador holístico é fixar o seu foco de atenção no presente instante e na interação com o sujeito educando na sua complexidade existencial. Desta forma, possibilita o sujeito se afastar do papel de *aluno* – aquele dito: sem luz – e se aloque no papel de interagente de aprendizados, conhecimentos e sabedoria. Construir o seu desenvolvimento biopsicossocial, transformando sua prática diária, refletindo a sua função no mundo e colocando-se ativo das alterações necessárias para reestruturarmos a ecologia do planeta. BOFF (2009), corroborando ainda com essa reflexão, traz a perspectiva de uma ética



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

mundial, onde o macro (o todo) ganha centralidade, assim como a dimensão coletiva afetando conclusivamente as morais particulares para uma ética social mundial que reja a todos.

O útil e o bom, para ser eticamente responsável, deve-se orientar por uma hierarquia de prioridades (princípio da regra). Após havermos garantido o planeta Terra, a biosfera e a espécie homo, deverá ser salvaguardado o pobre, o oprimido, o marginalizado e o excluído, Estes são os seres mais ameaçados da criação, pois morrem, de fato, antes do tempo. Ligado a eles, deverá ser garantida uma sociedade justa, porque se eles morrem antes do tempo é por causa da injustiça social e ecológica (BOFF, p.47, 2009).

A vivência dessa mudança de paradigma pode ser feita com os princípios descritos por FREIRE (1987), de humanização do sujeito, onde o diálogo, a solidariedade, a autonomia, a responsabilidade e o compromisso social são elementos preponderantes para a formação do sujeito e a prática pedagógica. Na hierarquia descrita por BOFF, parte-se do cuidado e preservação do planeta e chega-se aos sujeitos oprimidos e marginalizados, desde que preservado a nobreza da ação educadora. Tais integrantes sociais marginais adquirem espaço acolhedor dentro da EJA (Educação de Jovens e Adultos), e continuam, assim, o resgate de seus direitos em alfabetizar-se e intervirem com autonomia no seu futuro escolar.

Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos se evidenciou no Brasil a partir do mestre Paulo Freire. Surgiu fora do contexto escolar, em espaços de movimentos populares e sociais com o intuito norteador de transformação de estruturas sociais injustas nas proximidades da década de 60, no nordeste brasileiro. Somente após a década de 90, com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) ganhou legitimidade para distribuição de recursos dirigidos no território nacional, gerenciado pela administração municipal. Atualmente a EJA atende jovens a partir de 15 anos de idade, adultos e idosos que, por diferentes motivos, não completaram o ensino fundamental no passado. Segundo o documento de organização Pedagógica de 2008 da EJA, o objetivo norteador desta modalidade é além da elevação da escolaridade dos sujeitos, que por algum motivo foram “excluídos da escola”, mediar ações educativas, reunindo cidadãos em contínua



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

transformação em um espaço de respeito e fraternidade para construção de um mundo justo para todos.

O novo paradigma da educação de jovens e adultos sugere que a aprendizagem ao longo da vida não é só um fator de desenvolvimento pessoal é um direito de cidadania (PIERRO, p.1119, 2007).

Na prática a EJA está fundamentada em um viés político que tem a epistemologia Freiriana como princípio e a percepção de que o sujeito possui e produz conhecimento – de natureza histórica e política, de uma construção social e coletiva. Na sua organização curricular surge a visão de mundo do sujeito, referenciando sentido e significado para o olhar do educando. O conteúdo científico brota sempre da visão de mundo do sujeito. A transformação do contexto histórico torna-se conhecimento científico. A realidade do sujeito é quem medeia a relação de aprendizagem. A prática reflexiva que Paulo Freire chamou de práxis, está descrita no que regulamenta a docência na EJA Florianópolis:

A Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de ensino, em sua trajetória, tem demonstrado sua capacidade de transformação das práticas educativas. Mediante cuidadosa avaliação permanente em que participam todos os envolvidos, professores, alunos, coordenação e equipe gestora do Departamento de Educação Continuada, objetivos são traçados e metas são revistas (Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos EJA – 2008).

Os alunos da EJA

Ao descrever os sujeitos da EJA, Khol (2001), nos elucida acerca das especificidades etárias. Apresenta-os como sujeitos não-crianças, e pertencentes de uma cultura específica. A educação de jovens e adultos delimita um determinado grupo de pessoas, homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea.



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

Percebe-se que o sujeito adulto estudante da EJA não é universitário, não está em formação continuada ou especialização em sua área profissional e tão pouco busca aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas de artes, línguas ou música. Diferente e distante desta realidade, os sujeitos que estão na educação de jovens e adultos geralmente são migrantes oriundos da área rural empobrecida, filhos de trabalhadores rurais não qualificados profissionalmente e com baixo nível de instrução (com frequência analfabetos) e trabalhadores da zona urbana não qualificados.

A ordem social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, p.17, 1987).

Os adolescentes presente na EJA, assim como muitos dos adultos, segundo Khol, são os “excluídos da escola”, da escola bancária e tradicional – conforme descrição por Freire – pautada em resultados e onde aquele que “não acompanha” o ensino acaba por ser excluído. Enfim, são os que não seguiram o caminho da escolarização regular e, por conseguinte, constituem a área denominada Educação de Jovens e Adultos.

Morin (2000), descreve a necessidade de se integrar os saberes para possibilitar uma percepção ampliada do todo na qual se está inserido. Se trazer esse olhar para o campo da educação e o utilizar como ferramenta de transformação, será possível frear a fragmentação – na sua concepção nociva descrita – do universo (planeta, país e seus ecossistemas...) e, por consequência, dos sujeitos, distanciados por culturas e suas divisões sociais. A invisibilidade da opressão, negação e falta de conscientização está na fragmentação de tudo que se faz. A prática pedagógica holística vem para instituir elos conscienciais entre sujeitos e sua repercussão micro e macroscópica. Possibilitar a unicidade do todo com a multiplicidade do uno. Ampliar olhares conscientes do papel transformador de cada sujeito reverberando em todo o cosmo.

Penso que tudo deva estar integrado para permitir uma mudança de pensamento; para que se transforme a concepção fragmentada e dividida do mundo, que impede a visão total da realidade. Essa visão fragmentada faz com que os problemas permaneçam invisíveis para muitos, principalmente



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

**13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP**

para muitos governantes. E hoje que o planeta já está, ao mesmo tempo, unido e fragmentado, começa a se desenvolver uma ética do gênero humano, para que possamos superar esse estado de caos e começar, talvez, a civilizar a terra (MORIN, p.08, 2000).

Considerações Finais

Ao finalizar esse trabalho satisfaço-me em crer que a perspectiva na qual desenvolvi deva ser o olhar inicial para o educador holístico. Evidente que muito sobre o tema ainda são perguntas sem respostas. Porém, pensar em uma educação que reconheça e possibilite o “inacabamento” de cada um, gera propulsões de mudanças internas canalizadas para a prática docente desta observadora que aqui escreve.

Freire (1997) nos elucida sobre a consciência do nosso “inacabamento” enquanto sujeitos, o que possibilita-nos a construção contínua de quem somos. A prática dessa conscientização nos coloca como autor de nossas experiências e ações, tanto no mundo interno como no meio na qual estamos inseridos.

O educador progressista, holístico e do século XXI, tem o papel da escuta atrelada a dialogicidade contínua. Permeado com amorosidade, criticidade e humildade na dialogicidade, constrói a sua prática pedagógica na interação com os educandos. Constitui-se com o saber construído no vivenciar reflexivo de sua prática diária, mediada pela vida e pelos co-atores que por ela passam.

Como arremate para novos começos ou novos seguimentos, cabe a reflexão de que qualquer prática pedagógica deve estar imbuída de toda a subjetividade vivenciada na constituição da unicidade que é cada Ser Humano. Sendo assim, o conhecer a si e o conhecer ao meio ambiente são laços fundamentais, na natureza existencial do âmbito individual e coletivo. Sinteticamente, reconhecer as informações emitidas, perceber os sinais externos recebidos e ter consciência das conexões (interações) entre indivíduos e ambientes.

Desta forma conclui Morin:

Para que isso aconteça, devemos fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para a identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de *homo sapiens*; o homem racional e fazedor de ferramentas, que é, ao



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

mesmo tempo, louco e está entre o delírio e o equilíbrio, nesse mundo de paixões em que o amor é o cúmulo da loucura e da sabedoria (MORIN, p.05, 2000).

Particularmente a EJA sempre foi algo que despertou interesse e realização profissional. O desejo de estar cada vez mais na prática desta educação, com o sujeito se reconhecendo com o mundo conforme o mestre Freire descreve, traz possibilidades de trabalhos e interações descontextualizadas daquela educação tradicional que está focada apenas em resultados. Perceber e acreditar na educação como ato político em emancipação do sujeito, permite que o mundo interno do sujeito modifique a sua realidade cotidiana nos âmbitos social, cultural, profissional e econômico. O trabalho aqui desenvolvido amplia o olhar para esse tema e tem nessa produção apenas o início de um novo caminho onde a descoberta de novos conhecimentos, as mudanças nas práticas epistemológicas e a luta por políticas públicas alimentam o caminhar da acadêmica dentro da educação.